

## E o mundo não acabou

Lywal Salles Filho \*

**V**irou rotina, nas rodas de empresários e encontros sociais, falar mal do governo, o que, ressaltado, é mais do que justificado. Maltratada por uma inflação que insiste em desafiar todas as leis do bom senso, e sobressaltada com políticas econômicas itinerantes, que duravam meses, semanas ou dias, a sociedade brasileira está cansada, cansada de ver que o Brasil, este grande país, não acerta o passo. E ferida nos seus brios, ao constatar que países como o Chile, onde recentemente trabalhei alguns anos, México e agora a Argentina, para ficar apenas em poucos exemplos, já encontraram o seu caminho. O Brasil, por sua vez, virou este curioso laboratório de experiências que nunca dão certo. E nós, cobaias humanas, esperando que, de repente, alguma coisa nova aconteça. É natural que olhemos para o futuro com pessimismo, desconfiança. Afinal, o que vai nos acontecer em 92?



A lamúria nacional é tanto legítima quanto perigosa. O exercício de catarse traz a sensação de que o governo, o grande culpado, nada fez para melhorar o país, o que não é verdade. Observe-se que o governo, que assumiu em março de 90, tinha um projeto de reformar o Estado, modernizar a economia, acabar com a inflação. Conseguiu? Bem, a inflação persiste, mas seria leviano não se reconhecer os avanços até agora. Ou alguém pode negar a abertura da economia, a liberdade de preços, o fim (próximo) da reserva de mercado na informática, o programa de privatização, enfim, o ambiente mais oxigenado que hoje se respira na economia?

É certo que 91 foi um ano difícil. A recessão trouxe à indústria e ao comércio as dores do desemprego, da queda nas vendas, das falências e das concordatas. Os bancos também compartilharam esse sofrimento, com reduções substanciais nos seus vetores de receita e necessárias adequações nas despesas. Mas este é o preço que o país está pagando na sua tentativa de entrar nos eixos. A recessão brasileira que, paradoxalmente, vai produzir um crescimento no PIB, superior a 1%, trouxe consigo sábios ensinamentos. O enfrentamento das empresas no livre mercado, por exemplo, está fazendo muita gente conjugar o verbo competir, que andava esquecido em alguns segmentos. Hoje, produtividade, segmentação, eficiência e qualidade são expressões incorporadas ao novo vocabulário empresarial brasileiro. Racionalizar despesas e respeitar o cliente não são mais conceitos vagos, perdidos em manuais de

administração. São práticas frequentes e essenciais para a sobrevivência das empresas.

Na verdade, o ano passou e salvamos quase todos. A inflação finalmente começa a ceder sem a necessidade de fórmulas mágicas, choques ou planos heterodoxos — o que é bom observar, não acontece há muitos anos. A nova equipe econômica, sem a pirotecnia da anterior, vai aos poucos dando à sociedade o que ela mais quer neste momento: tranquilidade. Com um programa modesto que não promete milagres nem soluções imediatistas, esta equipe faz da falta de novidades o inusitado de seu desempenho. E se o ministro Marcílio, uma espécie de anti-herói, trouxe efetivamente algo de novo foram as velhas e ortodoxas fórmulas econômicas aquelas que já deram certo em muitos países.

Senão vejamos. Depois do choque cambial de outubro quando, ao contrário do que se alardeava, o mundo não veio abaixo, o país começa a recuperar suas reservas internacionais. A política de juros altos, por sua vez, está forçando as empresas a se desfazerem de seus estoques e já se nota, na indústria, movimentos no sentido de aumentar os prazos de venda para o comércio. Até o relacionamento do governo com o Legislativo, tumultuado desde a posse, em 15 de março de 1990, vem mudando. Com a aprovação recente pelo Congresso de grande parte de medidas de natureza tributária encaminhadas pelo Executivo, ficou mais racional a negociação com os credores internacionais. E se ainda há obstáculos neste particular, e eles existem e não são fáceis, o fato é que o Brasil tem mais cacife para buscar um acordo até abril de 92.

O quadro que se desenha para 92, portanto, pode não ser tão terrível como anunciam os apocalípticos de plantão. Mas não nos iludamos. O primeiro semestre será duro, com a recessão ainda acentuada. As empresas terão que continuar trabalhando com custos reduzidos, os bancos vão continuar se adequando a esse novo Brasil. E a abertura da economia exigirá maior eficiência para enfrentar a concorrência internacional. Se vencermos a inércia e combatermos o pessimismo, e todos nos conscientizarmos de que os problemas são nossos e não somente do governo, o país pode entrar no segundo semestre com mais vitórias contra a inflação. Com este trunfo, o governo terá argumentos para convocar os trabalhadores, empresários e o Congresso para um acordo mínimo em torno de um programa de estabilização. Tal programa não precisa ser uma panacéia ou trazer soluções demasiadamente originais. A velha ortodoxia resolve e será bem-vinda, contanto que dure. Já aprendemos que não é a pajelança que mantém o país. Enfim, 91 passou e o mundo não acabou.

\* Economista, diretor vice-presidente do Banco Chase Manhattan S/A.